



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

DO FORDISMO À ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL: AS MUDANÇAS NO ENSINO SUPERIOR

FROM FORDISM TO FLEXIBLE ACCUMULATION: THE CHANGES IN HIGHER EDUCATION

Revista
Reinaldo Dias
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP
Professor no Programa de Pós Graduação em Turismo e Meio Ambiente do Centro
Universitário UNA – MG e do curso de administração da
Universidade Presbiteriana Mackenzie- SP- Brasil
reinaldodias@mackenzie.br

Profissão Docente



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO

O artigo pretende contribuir para o debate em torno do perfil dos egressos das instituições de ensino superior sugerindo mudanças que poderiam ser realizadas nos programas de graduação. Inicialmente procura-se identificar o tipo de transição em curso, basicamente, centrada na passagem de um sistema de produção, rígido, pouco adaptável, para outro, flexível e caracterizado pela inovação constante. Em seguida busca-se identificar o perfil adequado dos graduandos para atender a demanda social, focado basicamente na necessidade de assimilação da informação e transformação desta em conhecimento e capacidade de inovação contínua e permanente. Para o atendimento dessas necessidades identifica-se que o ensino também deve se adaptar a essa nova realidade assumindo um papel mais dinâmico e ativo e para tanto haverá necessidade de adaptação das estruturas organizacionais dos cursos.

Palavras-chave: Ensino. Flexibilização. Fordismo. Pós-fordismo

ABSTRACT

The article intends to contribute to the debate on the profile of graduates of High School Institutions suggesting changes that can be made on the graduation programs. Initially, it seeks to identify the type of transition in course, basically centered on the passage of a rigid, little adaptive, production system, to another, flexible and characterized by constant innovation. Then seeks to identify the necessary profile of graduates to respond to social demand, focused basically on the need to assimilate information and transform it in knowledge and capacity of continuous and permanent innovation. For the attendance of these needs the courses should also adapt to this new reality and assume a dynamic and active condition, and for thus it is necessary to adapt the organizational structures of courses.

Key-Words: Teaching. Flexibility. Fordism. Pos-fordism.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

INTRODUÇÃO

As atuais sociedades estão em acelerado processo de mutação, em todos os aspectos da vida – social, econômico, político etc.- e o ensino superior como formador de quadros que dá sustentação a qualquer processo de desenvolvimento está sendo colocado em xeque, justamente nesse papel de condutor qualificado de mudanças, pois depositário do conhecimento científico utiliza a racionalidade na busca do entendimento dessas novas realidades. No entanto, para interpretar corretamente essas novas realidades, formar novos quadros, o ensino superior também deve sofrer transformações que lhe permitam estar em sintonia com a velocidade de mudanças e com a ascensão de novos paradigmas de desenvolvimento, em particular, aquele que está diretamente vinculado ao território local.

A idéia de desenvolvimento local (ou endógeno), na perspectiva assumida por este trabalho, está baseada fundamentalmente nas transformações do processo produtivo, que num processo de mudança paradigmática está em fase de transição do modelo de produção em massa, intensivo em energia e matérias primas para um modelo de produção flexível. De intensa adaptabilidade, intensiva em informação e conhecimento; passando de um modelo com metas a atingir de rotinas ótimas, a um modelo que tem como rotina principal a mudança constante tanto no que diz respeito aos aspectos tecnológicos, quanto aos de geração de conhecimento envolvidos.

Este artigo tem como objetivo ser uma contribuição para um melhor entendimento do papel determinante do conhecimento e dos recursos humanos no novo paradigma tecnológico e econômico, aqui identificado como de acumulação flexível. Tomando por base as principais mudanças que estão ocorrendo, procura-se identificar as necessidades de formação exigidas neste novo ambiente.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

UMA BREVE ABORDAGEM DO FORDISMO E DO PÓS FORDISMO

No final do século XX acelerou-se o processo de esgotamento de um modelo produtivo responsável por estabelecer padrões que tinham como referência a organização industrial rígida e concentradora, com a utilização de uma mão-de-obra rígida e fragmentada do ponto de vista do conhecimento, o que a levava a uma condição de alienação.

O modelo ou regime fordista se desenvolveu plenamente, pelo menos, durante uns cinquenta anos (1920-1970) e seu núcleo era constituído de um conjunto de indústrias de produção massiva de bens de consumo durável, de capital, automóveis e equipamentos industriais. Estes setores, baseados em custos baixos e decrescentes de energia, se caracterizaram por exigir linhas de montagem, uma profunda divisão técnica do trabalho e a padronização dos produtos buscando a exploração de economias internas de escala. O modelo também teve uma expressão e dinamismo espacial característico ao gerar regiões industriais, com grandes áreas de alta densidade urbana (URIBE-ECHEVERRIA, 1990).

O início da crise do modelo teve início nos anos 1970 (crise do petróleo nos anos 1973-1974 e 1979-1980, modificação das características da demanda, aumento dos custos da mão de obra nos países desenvolvidos etc.) e em função das novas características do mercado (que exigia menos padronização dos produtos, por exemplo) houve a necessidade de aumentar a diversidade de produtos em cada segmento, melhorarem a qualidade e continuamente introduzir novidades, de tal modo que se induzia o desenvolvimento de uma adequada demanda de substituição que garantia a possibilidade de manter elevados os níveis de produção.

Assim, a competição assumiu aspectos bem dinâmicos que impunham às empresas a adoção de estratégias de gestão de um conjunto de bens bastante diferenciados e em contínua renovação. E, foi neste contexto que muitas pequenas e



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

médias empresas concentraram neste período suas atividades em segmentos cada vez mais limitados de setores de baixo nível tecnológico, que não vinham tendo a adequada atenção das grandes empresas. Estes setores adotaram estratégias de intervenção rápida nos processos para atender a diversificação da demanda, o que foi possível por terem uma estrutura bastante flexível.

O aumento da competitividade dessas pequenas unidades produtivas apareceu com destaque nas concentrações setoriais e geográficas de empresas, onde uma série de economias externas peculiares permitia maior flexibilidade e uma forma de organização baseada na desverticalização do ciclo produtivo (SABEL e ZEITLIN,1985). Gradativamente a estrutura econômica dos maiores países industrializados foi se modificando através de processos de descentralização produtiva e pelo incremento do papel das pequenas e médias empresas.

Nos países em desenvolvimento, estes processos de reestruturação produtiva também atingiram posteriormente as grandes corporações, principalmente, as corporações transnacionais, que não conseguiam mais obter os mesmos ganhos de competitividade baseadas nos fatores tradicionais (mão de obra e insumos baratos, por exemplo). Um exemplo paradigmático foi o Consórcio Modular introduzido pela Volkswagen no Brasil no final dos anos 90(DIAS, 1998: p. 42-50).

A MUDANÇA DE ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E O ENSINO SUPERIOR

No final dos anos 70 e ao longo dos anos 80, a estratégia neoliberal permanecia como o paradigma de desenvolvimento local, nela partia-se do pressuposto que o livre jogo das forças de mercado seria capaz de obter um maior equilíbrio inter-regional, diminuindo gradativamente as disparidades. Em decorrência dessa visão são privilegiadas as políticas econômicas não-intervencionistas, o livre jogo do mercado e a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

livre disposição dos fatores no território nacional e regional. Postula-se que o mercado equilibraria a distribuição nestes e geraria por si só o crescimento das regiões mais atrasadas (SILI, 1997; MATTOS, 1986: p. 11).

No final dos anos 80 e princípio dos anos 90 (do século passado) surge um novo paradigma de desenvolvimento territorial mais associado à gestão empresarial e a busca de competitividade do território. Os temas vinculados a este novo paradigma são, basicamente: a criação e o fortalecimento das Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPMEs), o ambiente onde se localizam essas organizações, as tendências de descentralização promovidas pelos Estados-nacionais e as políticas científico-tecnológicas.

Este novo paradigma ganhou aceitação na Europa e Estados Unidos a partir da crise do petróleo na década de 70 e foi teorizado por intelectuais, e particularmente por um grupo significativo de pensadores italianos(BAGNASCO,1977; BECATTINI,1979 e 1987; BRUSCO,1980 e 1984; TRIGILIA,1986; GAROLFOLI 1978, 1981 e 1983), que resgataram as teses defendidas por Marshall. As idéias desse grupo estavam baseadas na concepção de que as estruturas concentradas de PMEs tinham um importante papel no desenvolvimento localizado, e tinham como referência principal a industrialização do norte da Itália realizada por empresas tradicionais que trabalham com produtos como: calçados, artigos de couro, móveis, artigos de cerâmica entre outros. Para esses autores, a organização produtiva baseada na pequena indústria, representava uma evolução do sistema industrial que assim tendia à superação do regime fordista de produção.

Os pesquisadores norte-americanos Piore e Sabel (1990) baseando-se no trabalho dos intelectuais italianos publicaram um livro denominado “*The Second Industrial Divide*”, no qual expunham a teoria da “acumulação ou especialização flexível”. Esta publicação tornou-se referencia para numerosos outros trabalhos e sua



importância foi bem analisada por Benko e Lipietz ao afirmarem que: “...o golpe de gênio de Michael Piore e Charles Sabel consistiu em interpretar o êxito dos distritos industriais como um caso particular de uma tendência geral”(BENKO e LIPIETZ, 1994: p. 10)

Em resumo, Piore e Sabel, afirmavam que no novo contexto de progresso técnico contínuo e de diversificação da demanda, a flexibilidade das empresas médias e pequenas as tornava mais eficientes que as grandes empresas para adaptarem-se às mudanças. E concluíam que a produção em massa rigidamente estruturada, fortemente hierarquizada, característica do sistema fordista, seria seguida de um regime, ao qual denominaram pós-fordista, baseado na especialização flexível, cuja forma espacial seria a concentração setorial e geográfica de PMES.

O modelo desses dois pesquisadores na realidade contrapõe dois tipos de organização industrial. Um denominado “produção em massa”, caracterizado por máquinas especializadas em relação ao produto, por operários semi-qualificados que produzem bens padronizados e por séries produtivas de longa duração. O outro modelo, chamado de “especialização flexível”, que está baseado em uma elevada diferenciação dos produtos, em uma força de trabalho qualificada e polivalente, em máquinas pouco especializadas e séries produtivas de curta duração (PIORE e SABEL, 1990).

Esse novo modelo de organização produtiva que foi denominado de especialização ou acumulação flexível, por Piore e Sabel entre outros autores, e duas de suas principais características devem ser destacadas pois influenciam diretamente o ambiente sociocultural e a formação dos indivíduos nesse novo contexto(DIAS, 2008):

- a) a força de trabalho tem que ser mais qualificada, polivalente e flexível para rápida adaptação às mudanças contínuas e;
- b) b) as inovações ocorrem nas áreas onde há concentração setorial e geográfica de MPMEs e estão vinculadas ao ambiente sociocultural da região onde estão



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

instaladas.

A questão das características da força de trabalho é importante, pois ao longo do século XX o fordismo, se consolidou de tal forma, que não só organizou a produção, mas também a sociedade nos mesmos moldes que o fez no interior das empresas, onde se desenvolveu um trabalhador característico da cultura fordista, fortemente especializado (ANTUNES, 2003). O conhecimento fragmentado espalhou-se como um padrão dominante, levando ao limite de profissões tradicionais (como médicos, advogados por exemplo) receberem jovens formados em Instituições de Ensino Superior, que se especializam desde o primeiro ano do curso em segmentos específicos de cada área, perdendo a visão do todo, num processo semelhante ao ocorrido com os operários no interior das empresas.

A nova realidade da especialização flexível provoca uma revolução no modo de ensinar, pois já não basta superar o conhecimento fragmentado da área profissional, deve ultrapassar seus limites, avançando para a interdisciplinariedade, que impõe não só a visão do todo profissional específico (direito ou medicina, como exemplos), mas uma visão interdisciplinar, e não necessariamente de áreas afins, mas daquelas nas quais o conhecimento específico pode avançar com mais consistência interpretando melhor a realidade concreta, ou seja mudando os paradigmas na concepção exposta por Thomas Kuhn (1995).

Em função das mudanças provocadas pelo esgotamento de um modelo de produção, que provocou uma mudança paradigmática em toda sociedade; a nova realidade de outro modo de produção, flexível, implica numa transformação estrutural de todos os elementos componentes dessa nova sociedade, entre as quais o ensino superior. Se antes o ensino superior, ao longo do século XX, tornou-se cada vez mais o responsável pela formação de quadros que dariam sustentação ao modelo fordista, na nova condição, a formação do indivíduo, retoma as características originais, pois ser



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

polivalente e flexível para rápida adaptação às mudanças contínuas é uma reafirmação da condição humana que tornou possível nossa diferenciação e superação em relação os outros seres vivos.

A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

As micro, pequenas e médias empresas nas concentrações setoriais e geográficas baseadas no princípio da especialização flexível, buscam superar seus limites competitivos agrupando-se em *clusters* (Arranjos Produtivos Locais) que conseguem, com vantagem, reproduzir no território todas as condições superiores de competitividade das grandes empresas, como capacidade de inovação e escala de produção (CANO, 1997).

Entre outros efeitos, esses processos de descentralização flexível constituem formas alternativas de organização industrial que estão provocando uma redução do tamanho médio das grandes empresas, através de processos de terceirização, aumentando a concentração de MPMEs e a criação de redes inter-empresariais; ao mesmo tempo em que ocorre uma difusão territorial destas atividades contribuindo para o crescimento de cidades médias e pequenas e mesmo de áreas rurais.

O período pós-fordista possibilita a transformação de regiões periféricas, que antes eram meras receptoras do conhecimento, em áreas geradoras deste, além de permitir que assumam um papel mais ativo no processo-produto, e em consequência na geração de renda e trabalho.

As mudanças provocadas apresentam outras dimensões além da econômica, incluindo o âmbito político, social e institucional. Um exemplo, é que os atores regionais e locais passam a ter um papel mais ativo e importante do que durante o período fordista, devido a diminuição da excessiva centralização que imperava. No novo período que se abre, onde aumenta a descentralização, as instituições locais



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



assumem um papel mais relevante como agentes reguladores do sistema que abrigam em seu território.

Os agrupamentos de empresas, complexos produtivos em torno de uma atividade principal (*Clusters*), constituem uma forma nova de estruturar a economia, transferindo ao poder local um papel significativo na definição dos rumos do desenvolvimento nacional. A articulação e a interdependência não se restringem, unicamente às empresas que desenvolvem atividades similares (em relações horizontais), envolvem também os produtores, consumidores e fornecedores (em relações verticais), órgãos governamentais, organizações não-governamentais, de ensino e pesquisa e outros atores que no seu conjunto geram uma sinergia que cria um meio propício à criatividade e à inovação.

Essas mudanças são acompanhadas da intensificação da competição, o desenvolvimento de atitudes fortemente empresariais, e uma grande atividade de inovação tecnológica. E, do ponto de vista espacial, apontam para o surgimento de novos espaços de industrialização, visando a criação de condições para facilitação de integração vertical e horizontal dos processos produtivos em áreas determinadas, onde a competição entre os agentes econômicos se mantém, porém acompanhada de cooperação permanente como uma forma de enfrentar as grandes empresas transnacionais e atender a um mercado segmentado e cada vez mais exigente, em termos de qualidade, preço e respeito ao meio ambiente.

Outro aspecto importante desse processo é que atividades que eram fortemente baseadas em MPMEs e que durante a fase fordista tinham um crescimento dependente dos setores tradicionais (metalúrgico, químico, petróleo etc.) passam a assumir posições de vanguarda no processo econômico, invertendo a lógica anterior.

De fato, a acumulação flexível abriu um amplo leque de oportunidades para o desenvolvimento produtivo. Das produções massivas de bens padronizados dirigidos a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

mercados homogêneos, à manufatura com tiragens pequenas de produtos feitos à medida para o cliente. De tecnologias baseadas em máquinas de propósito único, operadas por trabalhadores semi-qualificados, às tecnologias e máquinas de propósito múltiplo, que exigem operários qualificados. As grandes empresas monopolistas, integradas verticalmente, cedem lugar às PMEs, vinculadas entre si através de relações de cooperação (JIMÉNEZ,2002).

Essa possibilidade aberta pela concentração setorial e geográfica de pequenas unidades produtivas, que baseiam sua competitividade nos recursos produtivos e sociais locais, introduz novas perspectivas para impulsionar o desenvolvimento local (BOISIER, 2001; BARQUERO, 2001) com o envolvimento de inúmeros atores que passam a assumir um importante papel no aumento da produtividade e competitividade das empresas; o que nos leva a considerar cada vez mais a competitividade como consequência também de um ambiente inovador gerado pelo território, juntamente com o que ocorre no ambiente interno das organizações. Em decorrência torna-se de fundamental importância a preparação dos recursos humanos sintonizado com estas tendências.

Pensado o local numa escala municipal, este ao oferecer condições de concentração setorial de MPMs, cria um ambiente favorável propício para que se gerem inovações, que são a condição necessária para a competitividade.

A competitividade neste enfoque, não está relacionada exclusivamente às empresas, mas trata-se do sistema local como um todo, envolvendo inúmeras organizações, entre as quais as empresas, os órgãos públicos, associações empresariais, instituições de ensino superior, organizações não-governamentais e outros atores locais; é neste contexto que deve ser abordado o ensino superior, de um modo geral, que se desenvolveu ao longo do século XX formando quadros para dar sustentação ao modelo anterior (fordista), rígido em sua essência, pouco adaptável a mudanças.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

O ENSINO SUPERIOR NA NOVA REALIDADE

Uma vez identificada a nova realidade como de transição de um modelo produtivo para outro, podemos discutir qual o perfil dos egressos do ensino superior para que sejam atendidas as necessidades de gestão dos novos processos em curso.

O profissional egresso dos cursos de nível superior deve sofrer uma mudança paradigmática em sua formação, de um conteúdo fortemente micro para um acentuadamente macro, e intensamente interdisciplinar.

O resultado global do processo produtivo deve ser a melhoria das condições de vida da sociedade como um todo, e o atendimento de um determinado público-alvo por uma empresa específica deve estar condicionado por esse objetivo mais geral.

Para o sistema fordista, o processo produtivo estava baseado e era dependente da unidade empresarial, a inovação ocorria no seu interior, o conhecimento fluía com base nos instrumentos e equipamentos que, principalmente, a grande empresa dispunha. Nas condições em que se apresenta a realidade do processo de acumulação flexível, inovação ocorre em todo o território onde se concentram as pequenas e médias unidades, não necessariamente no seu interior; o conhecimento flui, com facilidade, em toda a sociedade, depende a sua utilização mais da habilidade em tratar a informação do que do acesso a ela.

O ensino superior, de um modo geral, foi construído com bases nessas premissas, principalmente a limitação de acesso do indivíduo à informação. Atualmente o problema se inverte, o que ocorre é o ilimitado acesso à informação. Ou seja, o ensino deve focar como trabalhar a informação e não como obtê-la.

Deve se considerar ainda que a complexidade das mudanças afeta também o perfil organizacional existente nas sociedades atuais. A organização empresarial compartilha com outras organizações a gestão dos processos sociais. Amplia-se a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

intervenção das organizações públicas e emergem, cada vez mais, como uma nova realidade social as organizações do terceiro setor (BARRETO, 1999; COELHO, 2000; FERNANDES, 1994; FALCONER,1999). Essa multiplicidade de tipos de organizações, também é uma característica acentuada da nova fase, e para a qual o ensino superior não se adequou. A sociedade continua fortemente sendo uma “sociedade de organizações”, no entanto, não como era entendida como acentuadamente de empresas. As organizações do terceiro setor, por exemplo, trazem novas realidades de abordagem da função das organizações, seu papel social, e o incremento da cooperação como forma de convivência social.

Dessa complexidade decorrente de um mundo em transformação pode-se identificar pelo menos duas habilidades essenciais dos novos profissionais egressos dos cursos de ensino superior, a capacidade de assimilação de informação e a capacidade de inovação.

Para o desenvolvimento da habilidade de assimilação de informação, há necessidade de uma sólida formação básica geral para que saiba identificar no imenso fluxo de dados facilmente acessados hoje em dia, aqueles que são úteis e os que devem ser descartados. O aprendizado da busca sistemática criteriosa pode ser feito nas aulas de metodologia que devem ser oferecidas desde a partir dos primeiros anos e não somente nos últimos como de modo geral acontece. A sólida formação básica geral também irá influenciar na formação de profissionais com uma característica interdisciplinar.

A capacidade de inovação é um dos aspectos mais sensíveis da formação por estar inter-relacionada, e vinculada diretamente, com criatividade, iniciativa, empreendedorismo entre outras habilidades e competências necessárias a qualquer profissional. Esta deve ser apropriada juntamente com a expectativa constante de se defrontar com o novo como rotina de vida, não só de trabalho. Diante da relativa certeza



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

nos procedimentos, a relativa incerteza do cotidiano, que é a condição natural humana, e presente em todos os aspectos da sociedade.

Essa perspectiva leva a identificação de uma prática de ensino baseada na flexibilidade, tanto temporal quanto espacial do ponto de vista das instituições educacionais. Ensino flexível do ponto de vista temporal pois há necessidade de adaptação constante às novas realidades do processo evolutivo e revolucionária das sociedades atuais; e espacial pois a localização geográfica das instituições as coloca no centro de processos locais de desenvolvimento que devem ser considerados no aprendizado.

CONCLUSÃO

O modelo de produção anterior, denominado fordista, foi predominante na maior parte do século XX, e somente nos anos 1970 uma série de fatores e crises, apontou para a necessidade de sua superação, pois sua base era a empresa corporativa pouco flexível e que não conseguia responder com presteza ao ambiente dinâmico e instável que a envolvia. A flexibilidade das estruturas organizacionais tornou-se uma necessidade, e fortaleceram-se em algumas regiões as pequenas empresas que conseguiam atender mais rapidamente a uma demanda em constante mudança.

Nesse contexto surgiram duas propostas, não excludentes, a que privilegiava a constituição de agrupamentos territoriais de pequenas e médias empresas e as que defendiam a adoção de mudanças nas grandes corporações tornando-as mais flexíveis e capazes de dar respostas mais rápidas às exigências do ambiente global.

As propostas que tinham seu ponto comum, a flexibilidade, se alinhavam com a configuração de um modo de produção que passou a ser conhecido como flexível ou pós-fordista, em contraste com o modelo fordista anterior, rígido.

Atualmente se vive um momento de transição que se atravessa e se configura como um



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

meio de construção, difusão e generalização de novos paradigmas em função das profundas mudanças ocorridas (e que continuam a ocorrer) no processos produtivos. É um quadro de incertezas, que embora apresente riscos, também constitui um momento de grandes oportunidades. Aproveitar ou não as oportunidades está diretamente relacionado com a existência de quadros profissionais egressos de Instituições de Ensino Superior (IES) que adotem a inovação contínua nos seus métodos de ensino, com a adoção de modelos que reflitam e estejam condicionados pelas mudanças.

Não se tratam de mudanças somente no âmbito tecnológico, mas também no nível organizacional, mais especificamente nos métodos de gestão; e nos modos de formação dos gestores nas universidades. Trata-se de compreender cada vez mais que o ser humano, não como uma peça de engrenagem, mas como agente ativo de transformação na sociedade e essencialmente não conformista. Uma vez aceita esta realidade, o passo seguinte é a identificação da direção a ser seguida para que a transformação se realize.

Pode-se destacar a necessidade de atualizar o conteúdo das disciplinas atuais, e a criação de outras, não contempladas nos antigos ementários, integração interdisciplinar, vínculo estreito entre as aulas e a realidade do entorno em que se situa a IES entre outras medidas.

Os professores devem receber especial atenção, pois como todos também são afetados pelo ambiente turbulento do mundo atual e necessitam estarem sintonizados com as mudanças contínuas que estão ocorrendo, atualizando-se diariamente com os processos em curso e os seus reflexos na sociedade e em particular como afetam o conteúdo ministrado. A motivação dos estudantes, tão necessária ao ensino, se evidenciará e permanecerá na medida em que se mantenha a atualidade do debate em sala de aula com a introdução contínua de temas atuais no contexto do ensino superior,



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

vinculando-os com o curso.

A intervenção ativa, permanente e contínua, dos cursos superiores na realidade local, contribuirá efetivamente para a promoção qualitativamente superior do desenvolvimento local. No entanto, para que isto ocorra será necessária uma transformação mais ampla nos conteúdos, métodos pedagógicos e também nas estruturas organizacionais dos cursos de um modo geral. Essa transformação é fundamental para que os recursos humanos formados em cada região do país possam assumir um papel maior de protagonistas que deverá lhes corresponder num modo de produção mais dinâmico do ponto de vista tecnológico, bastante competitivo e que poderá servir de base para um desenvolvimento mais justo e sustentável.

REFERÊNCIAS

BAGNASCO, A. *The Italie: la Problemática territoriale dello Sviluppo Italiano*. Bologna: Il Mulino, 1977.

BARQUERO, Antonio Vasquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística/UFRGS editora, 2001.

BARRETO, Maria I. As organizações sociais na reforma do Estado Brasileiro. In: PEREIRA, Luiz C.B. e GRAU, Nuria C. (Orgs). **O público não-estatal na reforma do Estado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

BECATTINI, G. *Dal 'Settore' Industriale al 'Distretto' Industriale: Alcune Considerazione sull'Unità di Indagine dell'Economia Industriale*, *Rivista di Economia e Politica Industriale*, n. 1, jan-abr, pp. 7-21, 1979.

BECATTINI, G. *Introduzione. Il Distretto Industriale Marshaliano: Cronaca di un Ritrovamento*. In: Becattini, G. (ed.) *Mercato e Forze Locali: il Distretto Industriale*, Bologna: Il Mulino, 1987.

BENKO, Georges e LIPIETZ, Alain (org.) **As regiões ganhadoras- distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica**. Tradução: Antonio Gonçalves. OEIRAS,



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Portugal: Celta Editora, 1994.

BOISIER, Sérgio. Desarrollo (local): de qué estamos hablando. In: BECKER, Dinizar F.;BANDEIRA, Pedro S. **Desenvolvimento local-regional**. Determinantes e desafios contemporâneos. Vol 1. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 151-185.

BRUSCO, S. *Il Modello Emilia: Disintegrazione Productiva e Integrazione Sociale*. In: Brusco, S. (ed.) **Piccole Imprese e Distretti Industriali**. Torino: Rosenberg & Sellier, 1980.

BRUSCO S. Quale política industriale per i distretti industriali?, **Politica e Economia**, n.6, 15, Junho de 1984.

CANO, Vicente Safón. *Del nuevo fordismo al postfordismo? El advenimiento del los nuevos modelos de organización industrial*. Comunicaciones. **Actas del I Congreso de Ciencia Regional de Andalucía: Andalucía en el umbral del siglo XXI**. Jerez, 23,24,25 de Abril de 1997. pp. 310-318

DIAS, Reinaldo. **Sociologia das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Quarteirização**. Campinas: Alínea, 1998.

GAROFOLI, G(ed.). **Ristrutturazione Industriale e Territorio**, Milano: FrancoAngeli, 1978.

GAROFOLI, G. *Lo sviluppo delle aree periferiche nell'economia italiana degli anni settanta*, **L'Industria**, n.3, II, 391-404.1981.

GAROFOLI, G. *Le aree-sistema in Italia*, **Politica e Economia**, n.11, vol.XIV, novembro de 1983.

JIMÉNEZ, Edgar Moncayo. **Nuevos enfoques teóricos, evolución de las políticas regionales e impacto territorial de la globalización**. Santiago de Chile: CEPAL/ILPES, dezembro de 2002. (Serie Gestión Pública)

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 3 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

MATTOS, C. de. "Paradigmas, modelos y estrategias en la práctica latinoamericana de planificación regional", **Pensamiento Iberoamericano**, n.10, 1986.

PIORE, M. e SABEL, C. **La Segunda Ruptura Industrial**. Madri: Alianza Editorial, 1990.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

SABEL, C.; ZEITLIN, J. *Historical alternatives to mass production: politics, markets and technology in nineteenth-century industrialization. Past and Present*, n. 108, p. 133-176. 1985

SILI, Marcelo. La gestión empresarial en el desarrollo regional de América Latina. **Comércio Exterior**, vol.47, n. 6, junho de 1997.

TRIGILIA, C. *Small firm development and political subcultures in Italy, European Sociological Review*, 2, pp. 161-175,1986.

URIBE-ECHEVERRIA, F. “Desarrollo Regional en los años noventa: tendencias y perspectivas en latinoamérica. In: ALBUQUERQUE, F. DE MATTOS, C. e JÓRDAN, R. **Revolución Tecnológica y Reestructuración Productiva: Impactos Y Desafíos Territoriales**. Buenos Aires: ILPES, IEU/PUC; Grupo Editor Latinoamericano, 1990.

Reinaldo Dias,

Sociólogo, Mestre em Ciência Política e Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP. Professor do Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA/MG e do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas(CCSA) da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP(UPM).
Endereço eletrônico: reinaldodias@mackenzie.br.

Artigo recebido em novembro/2009

Aceito para publicação em janeiro/2010